Ano XV — Lisboa, Fevereiro de 1959 — N.º 166

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Bernardino António da Costa

UM HERÓICO BOMBEIRO

Corria o Verão de 1871, abafava-se naquele dia 20 de Julho, quando, sùbitamente, pelas oito e meia da noite, a cidade é alvoroçada pelo toque a rebate repetido de torre em torre nas igrejas de Lisboa, que, fazendo ouvir trinta e uma badaladas, davam, assim, o sinal de fogo na freguesia dos Mártires. Com efeito, um enorme clarão elevando-se dos lados do Arsenal, iluminava a breve trecho a cidade, para ali fazendo afluir enorme multidão.

O fogo, num grande prédio de quatro andares e águas-furtadas, fazendo frente para o Cais do Sodré, Travessa do Corpo Santo e Largo do mesmo nome, com tão incrível rapidez se desenvolvera que, ao dar-se pelo incêndio, já este dominava o interior do primeiro e segundo andares, de tal modo que, ao serem feitos os primeiros toques a rebate, já as chamas saíam por algumas janelas do lado da Travessa do Corpo Santo.

No telhado, junto a uma das águas-furtadas, duas senhoras, loucas de pavor, suplicavam aflitivamente que as salvassem.

Um incêndio em 1871, e infelizmente por muitos anos assim foi, era qualquer coisa de pavoroso e causava sérias apreensões, porquanto, à escassez dos meios de combate ao fogo, então ao dispor dos bombeiros, juntava-se o sério problema da falta de água, pois apenas alguns raros edifícios particulares e do Estado possuíam bocas de incêndio. A tais circunstâncias adversas, opunham os abnegados bombeiros, tanto municipais, como voluntários, o ardor da sua desmedida coragem, que esmaltou de actos de verdadeiro heroísmo as páginas de oiro da história das suas corporações.

O toque a rebate feito na torre da igreja dos Paulistas, ecoa bem perto, na vizinha Rua de João Brás, onde, no seu lar tranquilo, se encontra o bombeiro Bernardino António da Costa, o qual, levado pelo impulso do dever, sai de casa, correndo, em direcção ao fogo, onde chega cerca de vinte minutos após o alarme e quando as chamas, que entretanto tinham já tomado os andares superiores, lambiam as águas-furtadas. Ao vê-lo aparecer — Bernardino Costa já se havia notabilizado por alguns salvamentos efectuados em condições difíceis — o inspector dos incêndios, Carlos José Barreiros, pergunta-lhe: — «Bernardino, como havemos de salvar aquelas pobres mulheres?»—Ao que o interpelado responde prontamente: — «Indo buscá-las!» — Rápido, decidido, sabendo avaliar num relance o perigo e dotado de admirável serenidade e golpe de vista, Bernardino Costa repara que contíguo ao prédio incendiado fica um outro apenas de loja e primeiro andar. Sem perda de um momento e munindo-se de uma espia e de uma escada de gancho, sobe para o telhado do referido prédio. Ali chegado, encosta a escada à empena do prédio incendiado, junto ao cunhal e, subindo por ela, alcança a primeira das pequenas pedras salientes que ficam ao longo da parede, pedras estas chamadas juntoiras e que ainda hoje se podem ver nalguns prédios antigos da cidade. Ao atingir, porém, a dita pedra, a escada resvalando, parte-se e deixa Bernardino Costa pendurado à altura de um segundo andar. Há um murmúrio de aflição na multidão que, de

(Conclui na página 2)

OS ESCOTEIROS E OS ACONTECIMENTOS DE CUBA

«Operação Sempre Pronto»

Quando o presidente Baptista e o seu governo partiram para o exílio, na véspera do Ano Novo, Cuba ficou numa situação de completa desorganização enquanto o exército revolucionário de Fidel de Castro não assumiu o governo. Neste período, os Escoteiros de Cuba realizaram uma magnífica tarefa.

Preparação

Muitos meses antes da actual situação política, os membros da Direcção dos Escoteiros de Cuba, organizaram a «Operação Sempre Pronto», um plano para uma rápida mobilização nacional dos Escoteiros com instruções específicas para prestar serviços públicos em caso de emergência.

Foram dadas instruções copiografadas, fornecido equipamento especial, recomendado treino preliminar e indicadas situações específicas onde os Escoteiros poderiam auxiliar.

Foi claramente estabelecido que os Escoteiros realizariam uma tarefa estritamente cívica, evitando tudo o que pudesse ser confundido com fins políticos. Este princípio foi rigorosamente observado e o Movimento foi reconhecido como uma organização não-política.

Uma oportunidade para serviço

Na manhã do dia primeiro de Janeiro, as estações emissoras informaram o público da fuga dos governantes. Os momentos que se seguiram foram extremamente perigosos. Multidões radiantes invadiram as ruas, enquanto rebentavam tumultos em quase todas as cidades. Multidões sem escrúpulos invadiram e saquearam as casas de certos membros do governo exilado.

Foi então que a Direcção dos Escoteiros deu o sinal para o princípio da «Operação Sempre Pronto» e imediatamente os escoteiros e dirigentes de todo o país ocuparam os lugares que oportunamente lhes tinham sido indicados para desempenhar os seus deveres. Em todas as ocasiões, os Escoteiros actuaram com permissão e activa aprovação das autoridades públicas.

Hospitais e Estações de Primeiros Socorros

Patrulhas de Escoteiros foram enviadas para todos os hospitais e postos de socorros, onde desempenharam as mais variadas tare-

(Conclui na página 2)

Bernardino António da Costa

(Conclusão da página 1)

olhar fito naquele valoroso bombeiro, pressente que algo de extraordinàriamente grandioso se vai passar. Confiado na sua força, o bombeiro Bernardino alcança a segunda pedra e, assim sucessivamente, vai escalando uma a uma, aquelas pedras cujo pequeno tamanho mal permite apoiar as mãos. Espectáculo grandioso iluminado apenas pelo clarão do incêndio. Ansiosamente a multidão segue emocionada aquela perigosa escalada. Atingindo finalmente a última pedra, Bernardino Costa firma-se no beiral do telhado, pendurando-se nele como se estivesse agarrado à barra dum trapézio e, fazendo uma elevação à altura de meio corpo, ganha assim o telhado. Na multidão, galvanizada perante tamanho arrojo, perpassa um calafrio. Audácia sem par, aquele homem que apenas tinha em mente arrancar às chamas duas Vidas, não tendo ainda atingido o seu firme propósito, acabava contudo de inscrever nos anais da sua corporação uma das maiores páginas de heroísmo e abnegação, porquanto, ao serviço do seu semelhante, acabava de confiar a vida à fragilidade de um beiral de telhado, sabendo bem que, se este não resistisse, a morte o esperava, despenhando-se irremediàvelmente da altura de quatro andares.

Ao verem o seu salvador, as duas senhoras agarram-no com tal ímpeto que é com dificuldade que o herói consegue incutir-lhes um pouco de confiança enquanto que, sem perder um só momento, arreia a sua espia por ela içando a manga de salvação. Uma dificuldade, porém, se lhe depara, as pequenas dimensões da água-furtada não lhe permitem fixar senão um dos lados do travessão da manga, pelo que tem de aguentar o outro extremo com o seu próprio braço. As chamas prestes a envolverem aquele grupo ao qual o seu clarão rubro dá proporções de trágica grandeza e eis que entre as duas mulheres, que eram irmãs, se esboça uma fraternal luta, pois nenhuma delas quer ser a primeira a ser salva. Bernardino Costa, os cabelos já crestados pelas chamas, insiste e, primeiro uma, depois outra, descem pela manga salvadora. Há lágrimas nos olhos de milhares de pessoas e receia-se pela sorte daquele heróico bombeiro, pois é eminente a derrocada.

Da rua os camaradas gritam-lhe: «Desce pela manga!» — Impossível, como fixá-la? Não há um momento a perder, as labaredas envolvem-no, com emocionante rapidez o herói arreia a manga e, correndo para junto do cunhal, lesto desce por sua espia para o mesmo sítio donde pouco antes tinha iniciado a sua arrojada ascensão. Alí chegado, corta ràpidamente a espia. Segundos após, dá-se com enorme fragor a derrocada que arrasta para o enorme brazeiro o resto da corda que acabava de ser cortado. Ao chegar à rua, Bernardino Costa é recebido pela multidão em delírio que o aclama apoteòticamente.

Legítimo título de orgulho do glorioso Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa, hoje denominado Batalhão de Sapadores Bombeiros, honra e glória do Bombeiro Português, Bernardino Costa, que ficou conhecido pelo herói do Corpo Santo, foi, pelo seu feito, promovido a Primeiro-Patrão e agraciado com o grau de cavaleiro da Torre Espada. À antiga Rua do Corpo Santo, foi, alguns anos mais tarde, dado o seu nome.

* * *

Escoteiro, quando, no teu caminho, cruzares a rua que hoje tem o nome deste honrado bombeiro, atenta na placa que colocada no cunhal do prédio número treze evoca o heróico feito ali praticado. Então, elevando o teu pensamento, recorda o Artigo quinto da nossa Lei (1) e faz sempre o melhor possível por, na vida, seguires o nobre exemplo de dedicado amor pelo próximo, que Bernardino Costa legou à Humanidade.

Teu Irmão
Luís Simões Aurélio

(1) — N. da R. — *«O Escoteiro é generoso e valente» fórmula da antiga versão da Lei do Escoteiro, lamentàvelmente suprimida.*

Sem simpatia não há compreensão, não há luz nos olhos nem transparência nas coisas.

TEIXEIRA DE PASCOAIS

(Por ter saído errado no último número, repetimos este interessante pensamento)

OS ESCOTEIROS E OS ACONTECIMENTOS DE CUBA

(Conclusão da página 1)

fas, serviram de mensageiros, distribuíram alimentação, transportaram feridos, atravessando ruas por entre tropas revolucionárias e soldados do deposto regime.

Comunicações

Todas as instruções dos serviços centrais dos Escoteiros para comando da «Operação Sempre Pronto» foram emitidas pelas principais estações de rádio e de televisão, as quais desde as primeiras horas estiveram nas mãos dos revolucionários. Como resultado desta colaboração, em todo o país a acção dos Escoteiros agiu com inteira coordenação.

Direcção do Tráfego

Na ausência da polícia ou de qualquer outra autoridade, as luzes do tráfego ficaram abandonadas e os Escoteiros tomaram aquela tarefa e dirigiram todo o tráfego tanto na cidade de Havana como nas outras principais cidades.

Os Escoteiros realizaram um magnífico trabalho neste campo, encerrando certas ruas ao trânsito, orientando o tráfego, manejando as luzes de controle e dando instruções aos automobilistas. Este serviço prosseguiu durante cinco dias consecutivos inteiramente a cargo dos Escoteiros, até que foram substituídos por pessoal nomeado pelo novo governo.

Outros Serviços

Por diversos Chefes, com experiência de reparações eléctricas, foram prestados importantes serviços de reparações nos sistemas eléctricos dos hospitais. Patrulhas de Escoteiros foram também enviadas para as estações de bombeiros.

Dirigentes que dispunham de automóveis asseguraram o fornecimento de abastecimentos para as famílias isoladas, doentes, fazendo entrega de medicamentos e assegurando o serviço de mensageiros.

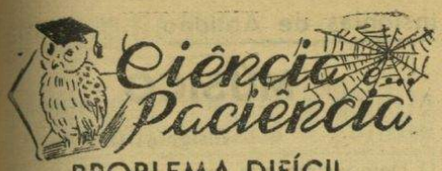
Os Escoteiros prestaram os mais diversos serviços, procedendo à limpeza de áreas devastadas e retirando vidros partidos das ruas.

Quando o exército revolucionário entrou em Havana, em 8 de Janeiro, multidões de milhares de pessoas alinhavam-se ao longo das ruas para saudar a longa caravana armada, e nunca os serviços dos Escoteiros tiveram tão alto valor, pois conseguiram manter a multidão e conservar as ruas desimpedidas para a passagem das tropas e dos tanques.

Reacção do Público

Em todas as ocasiões o público seguiu as instruções dadas pelos Escoteiros e facilitou o cumprimento das suas tarefas. Era comum ver um rapaz de 14 anos dominar inteiramente o tráfego nos principais cruzamentos das avenidas de Havana. As autoridades do governo revolucionário e o povo cubano ficaram muito reconhecidos e apresentaram felicitações aos Escoteiros pelo seu comportamento e iniciativa naqueles momentos difíceis, e o Comandante Aldo Vera, novo Chefe da Polícia Nacional, dirigiu uma carta ao Presidente dos Escoteiros de Cuba expressando as suas «sinceras e calorosas felicitações pelo comportamento e disciplina dos Escoteiros de Cuba nos últimos cinco dias». — B.S.I.B.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



PROBLEMA DIFÍCIL

Problema n.º 1

Pensamos que alguns dos nossos leitores não atinaram com a solução deste problema, apesar de não ser tão difícil como parece. Vejamos: O resultado é 7,68 m. O primeiro resto é metade da escada. Se se sobe o terço deste resto, sobe-se 1/6. Resta então 1/2 − 1/6 = 1/3. Para que se possa subir então o oitavo do que resta, é preciso que o terço do número de degraus seja divisível por 8. O número de degraus é então de 8×3 = 24 ou um múltiplo de 24. O único múltiplo possível é 48, pois que a altura total está compreendida entre 7 e 8 metros. Há então 48 degraus e a altura é de 0,16×48 = 7,68 m.

Acertaram na solução deste problema os nossos estimados leitores srs. João Margarido Cruz Pinto dos Reis, de Gaia, e José Manuel de Jesus Fernandes, de V. R. de St.º António, que marcaram os 5 pontos.

Problema n.º 2

O projecto dos Escoteiros

Os Escoteiros de certo grupo do norte fizeram uma festa a fim de adquirir dinheiro para comprar material que lhes permitisse jogar o pingue-pongue. Reuniram uma certa importância, mas faltava-lhes 300$00 para comprar, como desejavam, 24 bolas, 4 raquetes e uma rede. Estudando o caso, o Conselho de Guias resolveu não comprar senão 12 bolas, 2 raquetes e uma rede; tendo-lhes sobrado então 204$00. Uma raqueta custava 120$00 e uma rede 240$00. Quanto custava então uma bola?

* * *

Conforme o Regulamento deste concurso, que terminará no fim do ano corrente, as respostas devem ser enviadas à nossa Redacção em carta ou bilhete postal, marcando cada solução certa 5 pontos.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Conferência do Rev. Eduardo Moreira no Ateneu Comercial de Lisboa

Promovida pela Fraternal dos Antigos Escoteiros, o Rev. Eduardo Moreira profere no sábado, dia 21 de Fevereiro corrente, às 21.30 horas, no Ateneu Comercial de Lisboa, uma conferência sobre «Impressões de um Português na Suíça».

Serão também apresentados alguns filmes cedidos pela Legação da Suíça em Lisboa.

Para esta conferência, que é pública, são convidados os Escoteiros, Antigos Escoteiros e suas famílias.

Tertúlia

O almoço de Tertúlia realiza-se, como de costume, no dia 23 do corrente, segunda-feira, no Restaurante Internacional, rua do Crucifixo, n.º 27. Não é necessária inscrição prévia e todos os antigos escoteiros são convidados.

Excursão ao Algarve

No próximo número será dado amplo relato desta actividade. Podemos, no entanto, já afirmar que esta excursão constituiu um grande êxito e foi uma actividade muito agradável. Foram visitados todo os grupos de escoteiros do Algave, que receberam um bom estímulo com esta visita.

«Impressões de um Português na Suíça»

Conferência do Rev. Eduardo Moreira

No Ateneu Comercial de Lisboa, Portas de Santo Antão, 110, Sábado, dia 21 de Fevereiro corrente, às 21.30 horas

Serão projectados filmes sobre a Suíça.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

A Banda deste Grupo, sob a regência do distinto Maestro sr. José Leitão Franco, efectuou um concerto no Jardim Parque desta Vila, no dia 9 de Novembro passado, tendo sido muito aplaudida pelo numeroso público.

Sob o estralejar de muitos foguetes e morteiros, e indiferente à chuva que constantemente caía, a Banda comemorou o 1.º de Dezembro percorrendo, como habitualmente, as ruas desta Vila logo às primeiras horas da manhã. A marcha começou pela residência do Presidente do Grupo — e presidente da Câmara — sr. José Duarte Coelho, que assumou à janela agradecendo e dando vivas a Portugal.

No final, o sr. José Duarte Coelho ofereceu a todos os componentes da Banda, uma merenda. — *C.*

A PALAVRA «ESCOTEIRO»

Respondendo a perguntas que nos têm sido feitas, queremos esclarecer que continuamos a escrever ESCOTEIRO, com «O», porque através do inquérito feito chegámos às seguintes conclusões:

1) A palavra «ESCOTEIRO» é genuinamente portuguesa, aparecia em todos os dicionários de português antes da existência do nosso Movimento. Significava então: *O que viaja ligeiro*. A palavra é usada por Mestre Aquilino.

2) Os introdutores do Escotismo em Portugal não traduziram para português a palavra «*SCOUT*» nem a adaptaram à nossa língua. Foram exactamente buscar ao nosso léxico a palavra portuguesa ESCOTEIRO.

3) A palavra escuteiro, com «u», é um neologismo. Só apareceu em uso depois de ter sido adoptada pelos escoteiros católicos a designação de ESCUTAS.

4) O nome de registo da nossa associação é ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL.

Julgamos ter respondido com estes 4 pontos às perguntas que nos têm sido dirigidas.

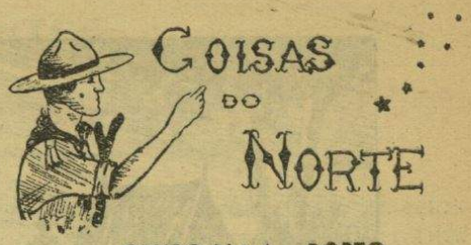
ESCOTEIRO-CHEFE DO NÚCLEO DE LISBOA

No passado dia 21 de Janeiro, realizou-se na sede dos Serviços Centrais a cerimónia da posse do novo Escoteiro Chefe do Núcleo de Lisboa, sr. prof. Pedro Joaquim Cascales Soro Painho.

O respectivo auto foi lido pelo Secretário Geral sr. Comandante Domingos Diogo Afonso, estando presentes quase todos os chefes dos grupos de Lisboa.

O sr. Prof. Painho proferiu algumas palavras a propósito do cargo que vai ocupar, afirmando que se encontrava «Sempre Pronto», como antigo escoteiro, para iniciar uma actividade progressiva a favor dos Escoteiros de Portugal.

Ao terminar, o novo adjunto do Escoteiro-Chefe-Geral, sr. Comandante Joaquim David de Carvalho, teve referências muito elogiosas para o empossado e disse do seu agrado em pertencer a este Movimento, que sempre muito tinha admirado.



GRUPO N.º 4 — PORTO

Para início das actividades deste ano, foi levado a efeito, no dia 1 de Janeiro, um passeio até aos arredores da cidade (Moreira da Maia) que serviu de divulgação escotista naquele lugar e de preparação aos trabalhos da presente época, cujo programa está a ser cuidadosamente elaborado pelo Chefe do Grupo, Sr. António Barbosa.

DOS AÇORES

ACAMPAMENTO NA SERRETA

Estiveram acampados, junto à pitoresca mata da Serreta, a 23 km. de Angra, em 27 e 28 de Setembro findo, com o Chefe Moniz Silva e uma delegação do Grupo 52 da A.E.P., os chefes e escoteiros do agrupamento de «Boy Scouts of America» da B.A. 4 (Lajes).

Conquanto o tempo estivesse um pouco agreste, tal facto não conseguiu minar o espírito escotista dos campistas, mantendo-se o acampamento num bom nível escotista e dentro da melhor camaradagem.

No sábado, fez-se um animado Fogo de Conselho, onde se distinguiram os nossos irmãos americanos.

No dia seguinte, o Chefe Moniz Silva acompanhou os rapazes do 52 e 2 dirigentes e vários escoteiros americanos à Missa Dominical na igreja do N. Sra. dos Milagres, na paroquial da Serreta, enquanto o Chefe Long conduziu um culto evangélico no local do acampamento. — *C.*

«SEMPRE PRONTO»

Tiveram a gentileza de nos endereçar cumprimentos pelo 15.º aniversário do nosso jornal, os senhores Secretário Nacional de Informação, Director da Biblioteca Pública Municipal «Pedro Fernandes Tomás» da Figueira da Foz e António Francisco Xavier de Brito.

«Ecos de Belém», semanário defensor dos interesses da freguesia nossa vizinha, também quis registar nas suas colunas o nosso aniversário com palavras muito gentis.

A todos saudamos e agradecemos.

IMPRENSA

«Ecos de Belém»

Este semanário que, sob a direcção do sr. Custódio Baptista Vieira, se publica na vizinha freguesia de Belém, entrou no princípio deste ano no 28.º ano de publicação.

Felicitamos os seus dedicados dirigentes e corpo redactorial, desejando novos progressos ao acérrimo defensor dos interesses de Belém e seus arredores.

REGIÃO DO ALGARVE

Os Serviços Centrais nomearam o sr. João Trigueiros delegado dos Serviços Centrais na Região do Algarve, cargo que já assumiu. Este nosso estimado amigo, dirigente escoteiro com larga folha de serviços prestados ao Movimento, que desempenhou já o cargo de Escoteiro-Chefe daquela Região, é um elemento muito conhecedor e entusiasta, que goza de merecido prestígio em todo o Algarve.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

O Movimento carece muito da tua colaboração. Precisamos de desenvolver o Escotismo em Portugal, torná-lo forte e importante. Necessitamos de vida, de acção e isto não só não pode ser feito sem a tua ajuda, como és tu quem tem de promover este progresso. Não te admires! O Escotismo só será um Movimento forte quando tiver boas patrulhas, activas, unidas, valentes. Se tu fizeres da tua patrulha uma grande patrulha, estarás contribuindo para o desenvolvimento do Escotismo. Faz o teu lugar na patrulha, ajuda o teu Guia, entusiasma os teus companheiros e terás cumprido o teu dever.

O Eurico de Jesus Augusto, que já foi aqui apresentado, escoteiro do Grupo 10, parece-me que subguia, vem hoje aqui falar da Reunião de Patrulha. Escuta-o e, se não estiveres de acordo com as opiniões dele, escreve-nos a dizer.

Até lá, aceita saudações do

LOBO VELHO

A REUNIÃO DE PATRULHA

Como sabemos, a Tribo, constituída pelo conjunto dos escoteiros, entre as idades dos 11 aos 17 anos, é, sem dúvida alguma, a alma do Grupo, ou seja, o sector de maior importância e que mais actividades desempenha nesse mesmo Grupo; ora a Tribo é formada por Patrulhas que executam diversos trabalhos e têm vários empreendimentos importantes. A este conjunto de trabalhos da Patrulha, respectiva direcção e execução, costuma chamar-se Sistema de Patrulhas. Vejamos o que nos diz B.P. sobre o Sistema de Patrulhas.

«*O fim principal do Sistema de Patrulhas é atribuir verdadeira responsabilidade a tantos rapazes quantos for possível. O Sistema mostra a cada rapaz a sua reponsabilidade pessoal no bem da Patrulha, e leva cada patrulha a reconhecer que tem responsabilidade bem definida no progresso de todo o Grupo. Por meio do Sistema de Patrulhas, os escoteiros vêm a reconhecer que têm muito que dizer em tudo quanto o seu Grupo faz*». (Escotismo para Rapazes, pág. 32, 2.º §.)

Vemos aqui a responsabilidade dos escoteiros no bom andamento da Patrulha. Faltar a essa responsabilidade é uma ingratidão para com os nossos irmãos escoteiros que se esforçam para que os seus trabalhos saiam «O Melhor Possível», tal como é a divisa dos Lobinhos.

A acção do Sistema de Patrulhas estende-se por dois sectores, as actividades no campo e as actividades na cidade. Analisemos a segunda questão, que já por si tem muito que dizer e deixemos as actividades no campo para outro momento. Na cidade, as patrulhas costumam ter o seu local de actividades na Sede, e, estas resumem-se, em geral, à chamada «*Reunião de Patrulha*».

Ora o que é a «*Reunião de Patrulha*»?

«*A Reunião de Patrulha*» é a mínima actividade em que uma Patrulha mostra que ainda existe. Assim que as Reuniões parem, é como se a Patrulha deixasse de existir, porque «parar é morrer»; logo devemos fazer todos os possíveis para que as Reuniões continuem sempre, se perpetuem em datas definidas e com intervalos regulares.

Há quem afirme que as Reuniões de Patrulha na Sede são por vezes muito aborrecidas; é possível que tenham razão, mas eu creio que uma Reunião de Patrulha decorre como nós quisermos que ela decorra. Assim, se nos interessarmos

(Conclui na página 8)

Insígnias de Aptidão

MÚSICO

Insígnia: *Uma lira.*

1) Demonstrar que conhece a marcação do compasso e a notação musical comum que assinala o tom e a duração das notas na pauta.
2) Ler à primeira vista duas melodias de prova, cantando sem acompanhamento ou tocando num instrumento.

N. B. — As provas devem ser do padrão aproximado das canções tradicionais usadas nas escolas.

3) Conhecer um instrumento musical e ser capaz de tocar, só ou acompanhado, uma pequena peça.
4) Cantar dez canções diferentes de preferência sobre temas escotistas,

(Para maiores de quinze anos)

Além das provas para menores de 15 anos:

1) Cantar razoàvelmente um solo que sirva para o Fogo de Conselho.
2) Cantar um solo com coro e tomar parte numa canção a várias vozes, cantando como alto, tenor e baixo.
3) Dirigir os cantos de um Fogo de Conselho, em 5 números variados de música popular.
4) Reconhecer 4 em 6 melodias populares tocadas ou cantadas a boca fechada pelo examinador.
5) Conhecer algo sobre a história e obras de pelo menos grandes compositores.

Ou em substituição:

1) Tocar dois solos, um de sua própria escolha e outro à primeira vista, em qualquer instrumento musical, excluindo harmónica vocal, berimbau e outros semelhantes.
2) No caso de instrumento solista, apresentar um número em concerto com outros, ou outro número de solo, de andamento e tipo diferente do primeiro apresentado no número 1)
3) Reconhecer 4 em 6 melodias populares tocadas pelo examinador.
4) Conhecer algo sobre a história e obras de pelo menos 3 grandes compositores ou artistas do seu instrumento.

Passou-se há muitos anos...

Foi só confusão

Não foi há muito anos. Sòmente há 11. Em 1947 saíram de Lisboa a caminho de Paris, para tomar parte num Jambori, três dirigentes escoteiros portugueses. Saíram daqui fardados. E fizeram-no propositadamente porque em Espanha o Escotismo tinha sido dissolvido e nunca mais se ouvira falar em escoteiros ou antigos escoteiros espanhóis. Seria uma maneira de entrar em contacto com os nossos antigos companheiros, o que realmente aconteceu.

Logo ao desembarcar na estação das Delícias, em Madrid, os três escoteiros portugueses tiveram uma surpresa. Os diversos soldados que se encontravam na gare fizeram continência aos visitantes. A coisa surpreendeu. Tanta gentileza! Os chefes escoteiros correspondiam com a saudação escoteira ao cumprimento militar.

Tendo permanecido algumas horas em Madrid, logo os chefes portugueses foram descobertos pelos membros da notável Equipa Lobo Gris. Contaram a um deles o acolhimento que lhes tinha sido dispensado pelos soldados na estação, acolhimento que se repetia nas ruas de Madrid. O nosso camarada espanhol encolheu os ombros. Po-

(Conclui na página 8)

O CAMINHEIRO E A VIDA

O Caminheiro perante a Política

Comentando o artigo de Lobo Velho nesta secção, Norberto Cunha, de Faro, traz o seu depoimento. Publicamo-lo, como prometemos:

Em meu fraco entender, a resposta acertada ao problema: «Poderá o Caminheiro participar na política?», será sem hesitações; sim. Pois, se é dever e direito de todo o cidadão tomar parte na vida política do seu país, exercendo simplesmente o direito de voto ou tomando parte activa dentro dum partido político, o caminheiro ao abster-se do cumprimento de tal obrigação, iria dar provas de falta de patriotismo, e, ao mesmo tempo, fugir ao cumprimento da sua lei de escoteiro que visa também a uma formação patriótica. Desta forma, acabo por concluir, que o caminheiro, como patriota e como escoteiro, deve participar na vida política do seu país, sem que essa participação, por ser um dever, constitua um problema.

O que a meu ver, pode realmente constituir problema, mas só até certo ponto, é a forma como o caminheiro deverá proceder politicamente, mas, ainda como patriota e escoteiro essa forma só deverá ser uma.

Procurar que os seus actos políticos não colidam com a moral escoteira, e, ao mesmo tempo, harmonizá-los com ela, pois, se esta foi feita para elevar o carácter dos indivíduos nos sentidos: altruísta, patriótico, moral, religioso, etc., e com indiferença para com todas as ideias religiosas e políticas (como de muitas outras diferenças que separam os homens) e para os indivíduos que as perfilham, desde que essas mesmas ideias com ela não se antagonizem, o caminheiro pode e deve na sua actividade política ter sempre intenção de proceder como escoteiro, e, na sua vida escotista precisamente por esta nada ter de comum, e ser completamente alheia a partidarismos políticos, proceder, com alheamento por tudo o que não seja exclusivamente escotismo. Assim, se o seu idealismo ou procedimento político, não se coadunam com o idealismo escoteiro, então, terá de optar entre o ser escoteiro, ou idealista político, as duas coisas juntas é que não.

Posto isto, creio ter exposto claramente, ainda que em breves palavras, o meu ponto de vista acerca deste assunto, e assim por aqui me fico.

NORBERTO CUNHA

TERTÚLIA DOS DIRIGENTES

REFLEXÕES

Quando se dedicam muitos anos a uma tarefa, que exige um esforço permanente e cujos resultados produzem satisfações de índole moral, mas também dissabores e incluso desgostos, é quase natural que o homem, ainda o de ânimo melhor temperado e carácter mais optimista, caia, alguma vez, num estado de depressão, de desânimo, de cansaço.

Quando isto sucede, experimenta-se um imperioso afã de descansar, de abandonar a luta, de se apartar da brecha. Olha-se para trás e, valorizando tudo quanto se tem feito, considera-se merecedor de relevo, com direito a ser substituído por outra pessoa nova, mais jovem, não gasta na luta. E nesse exame do passado é mui fácil convencer-se de que tendo cumprido bem o dever é já possível retirar-se honradamente. E desde logo, quase sempre é um convencimento lógico e razoável, por pouco que tal tenha trabalhado.

* * *

Qualquer Chefe Escoteiro que leve sobre o seu uniforme várias estrelas de serviço, terá tido pelo menos um desses momentos de depressão, de cansaço, ainda que a sua vida activa se tenha desenvolvido num desses maravilhosos e extraordinários Grupos que seguem um caminho fácil, que contam com apoios, que ignoram as dificuldades administrativas. E essa depressão, mais ou menos momentânea, terá sido mais aguda naqueles que têm de lutar com dificuldades permanentes que sempre parecem insuperáveis, ainda quando, à força de tenacidade e entusiasmo, se vão vencendo.

Contudo, o normal é que a crise de depressão se vença e o Chefe siga no seu posto com os mesmos brios de sempre, e que nem sequer os seus mais íntimos colaboradores tenham adivinhado a luta moral que teve de travar consigo mesmo.

Porque, quando se cai nesse baixio, todo o Chefe digno de tal nome faz a si próprio uma série de perguntas cujas respostas o obrigam a manter-se no seu posto.

Neste mundo que nos rodeia, cada vez mais materializado e falto de valores morais, é possível deixar sem remorsos o posto que nos tem cabido na luta pelo bem? Pode-se, em consciência, passar pelo mundo sem ter feito algo para deixá-lo melhor do que o encontrámos? Pode-se contemplar tranquilo a toda essa juventude que marcha por caminhos errados, sem tentar ao menos mostrar-lhe a boa rota? Poderemos, quando formos chamados ante o Supremo Juiz, ficar sem resposta ao ser interrogados do que fizemos nesta vida a favor do nosso próximo? Seremos tão ingratos que não corresponderemos ao carinho, admiração e confiança que têm depositado em nós os rapazes, os seus pais, a Sociedade? Se recebemos os benefícios do Escotismo, seremos egoístas até ao extremo de não transmitir esses mesmos benefícios às gerações que nos seguem...?

As respostas a todas estas perguntas, como dissemos, obrigam-nos a nos mantermos fiéis à nossa Promessa, ao nosso dever de Chefe.

É certo que existem muitos campos onde trabalhar pelo bem, mas o nosso é o Escotismo e realmente é bem formoso.

Somos seres humanos e não nos devemos envergonhar das nossas fraquezas. O trabalho duro e prolongado produz estas depressões que comentamos, mas como Escoteiros, como Chefes, devemos vencê-las com o nosso melhor Espírito.

Madrid, Novembro de 1958.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

Na generalidade estamos de acordo com as opiniões do Caminheiro Norberto Cunha. Há, porém, um ponto que devemos esclarecer. O Caminheiro só deverá ter actividade política na idade própria, embora como elemento de estudo e de preparação para a vida se possa interessar e conhecer os problemas de natureza política antes dessa idade, a maioridade. Mas se tal posição for de natureza activa, dentro de um partido, então ela pode ser digna de um Caminheiro, mas assim mesmo é incompatível com a actividade do Escotismo. Nesse caso ele deverá sair das fileiras escotistas. Não sucede o mesmo se essa acção for de natureza cívica, dando cumprimento aos deveres que lhe cabem como cidadão.

PROVAS DE 1.ª CLASSE

Avaliação de distâncias, larguras e alturas

POR JOEL RIBEIRO
Esc.-Chefe Administrativo

15) *Avaliar distâncias, alturas, número e peso de vários objectos, com um erro inferior a 25 %.*

AVALIAÇÃO DE DISTÂNCIAS

A vida no campo exige daqueles que a ela se dedicam uma multiplicidade de conhecimentos para resolver inúmeros problemas que, de minuto a minuto, se têm de encarar.

Nesta conformidade, o escoteiro ou o campista precisa de umas noções gerais sobre orientação, levantamentos topográficos, sinalização, previsão do tempo, conhecimento dos animais perigosos, das plantas úteis e das nocivas, etc. Além disso, será de grande interesse poder medir, ainda que aproximadamente, a distância entre dois determinados pontos.

Neste propósito, vamos apresentar os processos mais usuais de avaliação de distâncias.

OS DIVERSOS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO DE DISTÂNCIAS

As distâncias podem ser avaliadas pelo som, pelo número de passos dados a percorrê-las, por cálculo visual, pelo tempo gasto, pela estádia, pela carta, etc.

Pelo som

O som propaga-se na atmosfera em ondas que se deslocam a uma velocidade de cerca de 340 metros por segundo. Assim, ouvindo-se determinado ruído e tendo sido visível a sua causa, basta contar o tempo que medeia entre a sua produção e a sua chegada aos nossos ouvidos e multiplicá-lo por 340. Ter-se-á achado a distância em metros a que nos encontramos do ponto onde foi produzido o som. Se o som demorar, por exemplo, 3 segundos, estaremos a 1.020 metros do ponto onde se deu o fragor, pois 3×340 é igual a 1.020.

Pelo passo

Este meio de avaliar distâncias é utilíssimo. Contudo, para obter resultados quanto possível mais rigorosos, deve-se marcar no chão a distância exacta de 100 metros e depois observar quantos passos, em marcha normal, são necessários para cobrir esse espaço. Se, por exemplo, forem precisos 166 passos para andar essa distância, o passo dessa pessoa medirá 60 centímetros, pois é este o cociente de 100^m por 166.

Assim, basta multiplicar 0,6 pelo número de passos dados, para se saber a extensão da distância percorrida.

Pelo tempo gasto

Em passo normal, percorre-se 1 quilómetro em 10 minutos. Assim, para se calcular o comprimento do espaço percorrido, basta dividir o número de minutos gastos a atravessá lo por 10 e teremos o número de quilómetros transpostos.

Por cálculo visual

Este processo só deverá ser usado a seguir a este pequeno treino: marca-se no chão distâncias exactas de 10, 50, 100, 200 metros, etc., e procura-se exercitar bem a vista no cálculo destes espaços. Depois dum treino deste género, estar-se-á habilitado a calcular, com maior ou menor exactidão, qualquer distância.

Quando o espaço a avaliar for de maiores proporções, procede-se da seguinte forma:

Calcula-se primeiro um espaço de 100 metros; calcula-se depois outro espaço de 100 metros que, junto ao primeiro, perfará 200 metros. Calcula-se a seguir mais 200 metros, e assim por diante.

Pela carta topográfica

Marcam-se na carta os dois pontos, cuja distância entre os quais desejamos saber medindo rigorosamente o espaço entre eles. Multiplica-se depois este resultado pelo denominador da escala e saber-se-á a distância desejada.

Pela roda de um veículo

Mede-se o raio da roda de um veículo. Depois conta-se o número de voltas que essa roda dará para percorrer a distância em questão.

Multiplica-se a seguir o número de voltas dadas pela roda, pelo comprimento do raio e este produto por $3{,}1416 \times 2$, e ter-se-á o valor dessa distância.

Medições pequenas

Para a medição de pequenos espaços, o escoteiro serve-se da sua vara ou da espia, pelo que devem estar cuidadosamente graduadas.

Deve ainda saber de cor o valor de outras medidas, tais como a sua altura com o braço estendido; a largura com os dois braços abertos; o comprimento do seu pé; o do seu palmo e a da grossura dos dedos, etc.

APARELHOS AUXILIARES DE AVALIAÇÃO DE DISTÂNCIAS

Na avaliação de distâncias tem-se, ainda, possibilidade, de recorrer a dois utensílios muito simples, que auxiliam muito o escoteiro neste trabalho. Esses instrumentos são a *estádia* e a *régua de milésimos*. Estes aparelhos são usados pelos topógrafos e pelo exército.

Pela estádia

A estádia é um pedaço de cartão ou folha rectangular onde se recortou um triângulo. Está baseada na redução de proporções com que os objectos se nos apresentam quando vistos a distância.

A estádia pode ser construída pelo próprio escoteiro e é graduada da seguinte maneira:

Coloca-se um escoteiro com uma vara nas mãos, a uma distância de 100 metros. O escoteiro segura a vara horizontalmente acima da cabeça, e nós observamos, com os braços estendidos, através da janela triangular da estádia, quando os dois extremos da vara «tocam» os lados do triângulo (Não esquecer que o cartão da estádia deve estar colocado ao alto). Nessa altura marca-se 100 metros no ponto da estádia onde tocam os extremos da vara. E está regulado este instrumento para os 100 metros. Para as outras distâncias, procede-se de forma idêntica, colocando-se o escoteiro à distância respectiva.

O uso da estádia é simples: Quer-se saber qual o afastamento entre os pontos A e B. O observador coloca-se em A e um outro escoteiro vai postar-se no ponto B e levanta a sua vara acima da cabeça. O observador procede então da mesma maneira que quando graduou a estádia e depois no ponto indicado, em vez de marcar a distância, verá quantos metros apresenta a escala.

Régua de milésimos

A *régua de milésimos* não é mais que uma estádia aperfeiçoada. Constitui-se de uma régua metálica ou de madeira, graduada em *milésimos*, isto é, espaços que representam um objecto de um metro de comprimento visto a um quilómetro de distância. Essa régua tem ainda um cordão que, passado à volta do pescoço, faz com que a régua seja conservada sempre à distância de 0,5 metro dos olhos de quem observa.

A utilização deste instrumento exige, portanto, o conhecimento das dimensões de um alvo que esteja no ponto até onde desejamos medir a distância.

Por exemplo: Desejamos saber quantos metros fica afastado de nós um terreno que tem um muro, que sabemos medir 3 metros de altura. Com a régua de milésimos verificámos que a altura desse muro representava um milésimo da régua. Dividindo-se os 3 metros da altura por um milésimo, o cociente indica-nos que estamos a 3 quilómetros do muro.

Resumindo: Verifica-se quantos milésimos ocupa na régua o objecto visado e divide-se o número de metros que esse objecto realmente tem pelo número de milésimos e o cociente desta divisão dá-nos a distância requerida, expressa em quilómetros.

AVALIAÇÃO DE LARGURAS E ALTURAS

a) Medição de larguras

Às vezes necessita-se saber a largura de um rio que não se pode atravessar. Para conseguir efectuar essa medição, podemo-nos servir de dois métodos: o de alinhamentos e o do triângulo.

1) *Por alinhamentos* (Fig. 1): Procura-se na margem oposta um ponto de referência, tal como uma árvore, uma rocha, uma casa, (ponto B). Na margem onde nos encontramos, bem na frente do ponto B, colocamos a nossa vara (ponto C). Partindo do ponto C em ângulo recto à linha C-B medimos, por exemplo, 30 metros. Ao cabo de 20 metros colocamos a

(Conclui na página seguinte)

Avaliação de distâncias, larguras e alturas

(Conclusão da página anterior)

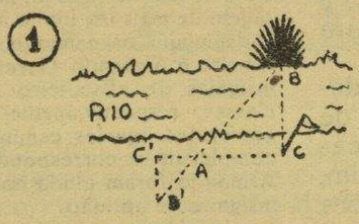
outra vara (ponto A). Quando chegarmos ao ponto C', isto é, 10 metros além, marcamos esse local e voltamos em ângulo recto para o lado oposto ao rio, e seguimos em linha recta até que estejamos no prolongamento de uma linha traçada entre B e A (ponto B'). Para conhecer a largura do rio bastará multiplicar por dois o comprimento da linha B' C'.

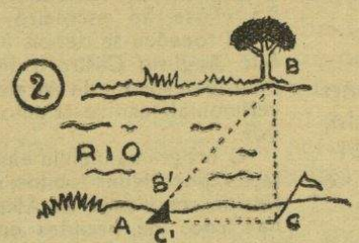
Resumindo: como a distância A-C é o dobro da distância A-C', a largura do rio (linha B-C) é o dobro da distância da linha B'-C'. Se acaso a distância A-C fosse o triplo de A-C', a distância B-C seria também o triplo de B'-C'. Para evitar qualquer erro pode usar-se a fórmula

$$L = \frac{l\,C}{c}$$

em que L será a largura do rio que desejamos conhecer; l o comprimento da linha B'-C', C o comprimento da linha A-C, e c o comprimento da linha A-C'.

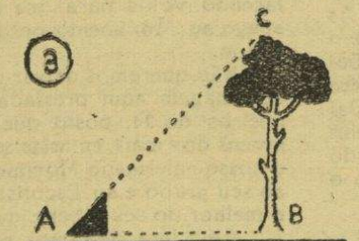
2) *Pelo triângulo* (Fig. 2): Dobra-se ao meio, pela diagonal, um quadrado de papel, obtendo-se assim um triângulo rectângulo isóscele (isto é, com dois lados iguais e formando ângulo recto). Para utilização deste triângulo procede-se da seguinte forma:

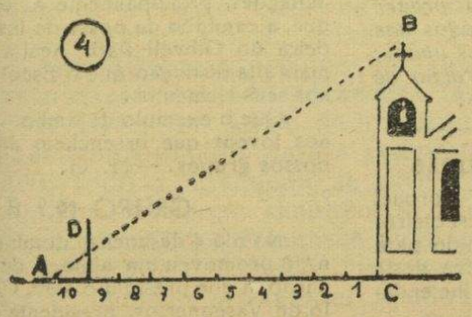




Toma-se qualquer sinal na margem oposta como ponto de referência (B) e coloca-se na margem onde nos encontramos, em frente do ponto B uma vara (ponto C). Depois, com o triângulo de papel bem perto dos olhos e colocado horizontalmente, procura visar-se com o lado B' o ponto B e com o lado C' o ponto C. Recua-se, depois, até conseguir visar desta forma os pontos B e C simultâneamente. A distância desse sítio (ponto A) até C é igual à distância entre B e C, ou seja, a largura do rio.

b) **Medição de alturas**

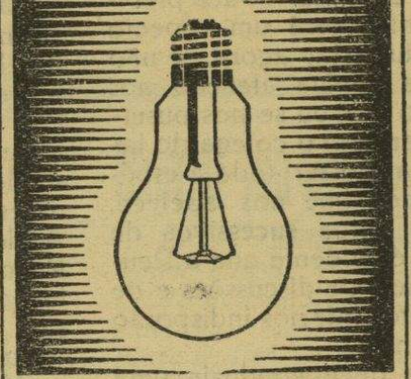




É possível com grande facilidade saber a altura de um poste, uma árvore, casa ou torre com relativa aproximação. São mais usados os processos do triângulo, da vara e da sombra.

1) *Pelo triângulo*: O processo usado anteriormente para cálculo de larguras pode ser aplicado para medição de alturas. As distâncias entre A e B e entre B e C (vide gravura 3) são iguais. Ao medir a distância A-B não esquecer de adicionar depois a altura do observador.

LUMIAR



A MAIS DURADOURA

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS

QUINTINO · MEIO SÉCULO AO SERVIÇO DA TÉCNICA DE MÁQUINAS

QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

2) *Pela vara* (Fig. 4): Da base do edifício ou árvore de que se quer medir a altura, contam-se, em determinado sentido, 10 vezes a mesma medida. No ponto onde termina a nona divisão coloca-se uma vara. Depois postando-nos no fim da distância medida (em A) mira-se o topo daquilo de que queremos saber a altura e marcamos o ponto onde a nossa linha de visão para B passa pela vara (D). A distância que desejamos é igual a dez vezes a altura que vai de D ao chão. Se por acaso se tiver contado só 5 medidas, a altura será 5 vezes a altura considerada da vara.

3) *Pela sombra*: Se uma árvore de 10 metros der uma sombra de 2 metros, uma vara de 1 metro dará uma sombra 10 vezes menor, isto é, terá 20 cm. de comprimento. Esta relação pode ser aproveitada para se saber a altura de qualquer objecto, aplicando-se a fórmula

$$A = \frac{S\,s}{a}$$

onde A é a altura do objecto de que queremos saber a altura, S o comprimento da sombra desse objecto, s o comprimento da sombra da nossa vara e a a altura da vara.

PÁGINA DO ESCOTEIRO

(Conclusões da página 4)

A REUNIÃO DE PATRULHA

pelo que o Guia nos está a dizer ou por uma ideia que um nosso camarada está a expor, discutindo racional e lògicamente certos pontos, que nos parecem pouco precisos, a Reunião terá um aspecto alegre e entusiasta; agora, se não prestamos a mínina atenção aos trabalhos do dia ou se nos pusermos a brincar com o colega do lado, ou ainda a dizer toda a espécie de tolices que nos apetece, produzindo actos sucessivos de indisciplina, é evidente que a Reunião será cheia de discussões e de aborrecimentos que nos indisporão frequentemente.

Como se deve conduzir uma Reunião de Patrulha?

Isso é uma questão que está a cargo do Guia de Patrulha, que se for muito novo no seu posto deve anteriormente ser instruído pelo chefe para este fim. Mas, porém, se um Guia por negligência não trás de casa um programa, pelo menos pensado, para a Reunião da sua Patrulha, é evidente que esse escoteiro não tem competência suficiente para desempenhar o cargo que ocupa e houve erro flagrante de quem o escolheu para tal missão.

No entanto, vejamos entre as diversas maneiras de conduzir uma Reunião, umas pequenas sugestões.

A 12.ª conclusão da II Conf. dos Guias de P. dos Gr. Ev. diz o seguinte:

«*Um ideal comum deve agregar toda a Patrulha de forma a fomentar a camaradagem*».

É debaixo deste ponto de vista que se deve desenvolver a Reunião de Patrulha. Um ideal comum, interesse e camaradagem, nada de rivalidades mesquinhas.

Primeiro deve-se iniciar a Reunião com a leitura da última acta, seguidamente o Guia deve tirar informações sobre o andamento dos cargos: o material que existe, o que ainda não foi entregue pelos escoteiros, as cotas em atraso — é o momento de falar neste assunto, já por si tão delicado —, as novas canções que a Patrulha coleccionou, etc.

Após isto, o Guia deve expor o que já trouxer para dizer, ou então continuar-se a tratar dos assuntos pendentes da Reunião anterior; deve-se neste momento, dar azo a que cada escoteiro exponha a sua opinião ou até uma nova ideia, qualquer que ela seja desde que venha a propósito, um passeio, uma visita a um museu, uma festa, etc.

O que se aprova deve ser posto em execução o mais depressa possível, porque se não passar de um pensamento, vagamente descrito e formulado, sem vias de concretização, não serve porque nunca se realizará.

Depois será o momento de se ensinar ou de tirar qualquer prova de classe a algum escoteiro ou aspirante.

Finalmente, para terminar bem a Reunião, pode fazer-se um jogo, sendo diferente em todas as Reuniões para não maçar os escoteiros. A ideia de se iniciar ou concluir a Reunião com uma canção, a recitação da Lei, uma oração, etc., é sem dúvida interessante e prepara o ambiente.

Mas tudo isto deve fazer-se debaixo de um perfeito sentido de responsabilidade, disciplina e camaradagem que cabe a cada um, senão... teremos sempre Reuniões aborrecidas.

P. S.—Irmão Escoteiro:

Se tiveres outra ideia, ou não achares qualquer coisa correcta, diz-nos, expõe a tua opinião, porque, segundo dizem os sábios «*é da discussão que nasce a luz*».

EURICO DE JESUS AUGUSTO

Passou-se há muitos anos...

rém, daí a pouco, na Gran Via, ao passarem de novo por três soldados, estes *batem uma grande pala*. Aqui, o nosso companheiro espanhol fica também admirado.

Deteve-se então a examinar o uniforme escoteiro. Logo descobriu o mistério. As estrelas de serviço que usávamos sobre o bolso da camisa correspondiam aos galões dos oficiais do exército. Um dos chefes era coronel e os outros dois eram capitães. Daí as continências tão formalizadas. Os Chefes Escoteiros eram tomados por oficiais do exército de Marrocos, o que justificava o calção.

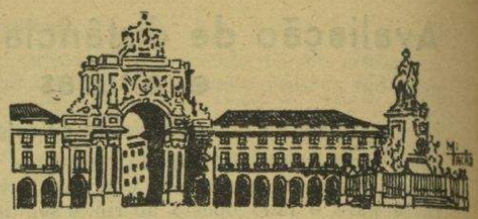
Nesta secção teremos muito prazer em publicar casos típicos passados nas actividades escotistas «há muitos anos»; agradecemos por isso a colaboração de Escoteiros e Antigos Escoteiros.

Cruz Vermelha Portuguesa

O nosso estimado amigo sr. coronel Joaquim Duarte Borrego, antigo escoteiro-chefe-geral da A.E.P., foi escolhido para presidir à Comissão Administrativa desta benemérita corporação, pelo que lhe endereçamos as nossas felicitações.

Cumprimentos ao «SEMPRE PRONTO»

Também o nosso amigo sr. Mário Francisco Correia, de Andradina, Brasil, nos enviou simpáticos cumprimentos de Boas Festas, que agradecemos e retribuímos.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

FESTA DE NATAL DO GRUPO 94

O Grupo 94, da Ajuda, festejou o seu Natal realizando na sua sede uma festa de confraternização entre os seus lobitos, escoteiros, caminheiros e dirigentes, a que assistiram também o Presidente da Direcção daquele Grupo, Rev. Rosa Baptista, o director do nosso jornal, antigo chefe do mesmo grupo, e algumas guias da Companhia em formação na Ajuda, acompanhadas da respectiva chefe, Sr.ª D. Júlia Ribeiro, que constituiu uma manifestação de alegre camaradagem.

Ao iniciar a sessão, o chefe do Grupo leu a ordem de serviço, na qual citou a passagem de mais um lobito à divisão escoteira e distinguiu os caminheiros José Eduardo Ribeiro e Armando Garcia Inácio, com as insígnias de «Escoteiro da Pátria» e «1.ª classe», respectivamente, as quais foram conferidas àqueles caminheiros por terem completado as correspondentes provas. Ao Armando foram ainda conferidas mais três insígnias de aptidão.

Igualmente foi concedida a insígnia de 2.ª classe ao escoteiro Manuel Parente.

Procedeu-se depois à passagem do lobito Augusto Castro à divisão seguinte, o qual se despediu da Alcateia com o habitual cerimonial, tendo esta entoado o «grande uivo».

O programa incluiu ainda uma representação, por alguns lobitos, de uma das histórias do reportório da Alcateia e a tradicional troca de prendas entre todos os elementos do grupo, tendo terminado com palavras de exaltação escotista, proferidas pelo Presidente da Direcção do Grupo.

Na cerimónia de imposição das insígnias de classe, o chefe do grupo teve palavras de merecido aplauso para os dois caminheiros, afirmando que ao interesse de ambos se devia grande parte do apreciável trabalho que o grupo tem desenvolvido nos últimos tempos, e terminou agradecendo a colaboração que ambos lhe têm prestado fazendo votos para que a sua vontade e apego ao Movimento perdure por bastante tempo.

Não queremos deixar de nos associar à homenagem aqui prestada aos dois caminheiros do 94, posto que se trata de dois jovens dos mais entusiastas com que conta o nosso enfermado Movimento actual, e que ao seu grupo e ao Escotismo têm dedicado o melhor do seu saber e dedicação.

Aqui lhes deixamos, pois, as nossas felicitações, principalmente a José Eduardo que, a caminho da posse da insígnia de madeira do Gilwell Park, acaba de obter a mais alta distinção que o Escotismo reserva aos seus elementos.

Que o exemplo de ambos possa servir aos jovens que preenchem as fileiras dos nossos grupos. — M. G.

GRUPO N.º 8

No dia 4 de Janeiro, domingo, o Grupo n.º 8 promoveu um almoço de confraternização, a que presidiu o Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, presidente do Grupo, e para o qual convidaram ainda 6 velhinhos pobres.

O almoço confeccionado por uma Comissão de Senhoras, encontrava-se excelente, tendo decorrido com muita animação.

Mais tarde, efectuou-se uma sessão recreativa, com filmes projectados pelo antigo escoteiro sr. Manuel António Palma, tendo sido servido um chá.